

A cronista do entre-lugar ou sobre a geografia da não-indiferença
A chronicler of the space in-between or about the geography of non-indifference

Izabela Drozdowska-Broering¹
Universidade Federal de Santa Catarina

“O lugar indefinido onde fiquei sabendo do meu Nobel é uma excelente metáfora do mundo no qual atualmente vivemos” – afirmou Olga Tokarczuk no dia em que soube sobre o seu prêmio. Tokarczuk estava a caminho entre Polônia e Alemanha para promover o seu último livro e participar da Feira do Livro em Frankfurt. A reação não somente espelha esta situação singular de receber o prêmio da Academia Sueca pela romancista polonesa no trânsito, num entre-lugar ou não-lugar (AUGÉ, 1992), mas também pode ser visto como quintessência da obra de Tokarczuk.

A psicóloga, escritora, autora de roteiros, ensaios e poemas nasceu em 1962 na cidade de Sulechów (Polônia). Publicou os seus primeiros textos prosaicos em 1979 sob nome artístico Natasza Borowin em revista cultural *Na przelaj*. Os poemas de Tokarczuk, inicialmente publicados em ilustre revista *Życie literackie*, compuseram em 1989 a antologia *Miasto w lustrach* [Cidade em espelhos]. O primeiro romance da autora, *Podróż ludzi księgi* [A viagem dos homens do livro] de 1993, é muitas vezes erroneamente considerado a sua estreia na prosa. Enquanto o segundo romance - *E.E.*, cujo enredo desenrola-se na então alemã cidade de Breslau e mostra claramente a influencia de Freud e Jung na obra da escritora, não lhe trouxe ainda amplo reconhecimento, o seu terceiro livro ficcional – *Prawiek i inne czasy* [1996, Primeval e outros tempos] foi contemplado com três prêmios literários na Polônia. No romance, o retrato de três gerações de duas famílias radicadas numa aldeia imaginária marca uma das características mais importantes da obra de Tokarczuk: A autora age como cronista do tempo e lugar através da ótica da província, margem, das pessoas aparentemente sem importância e influencia e escreve assim uma história centro-europeia longe das capitais, optando pela memória privada (ASSMANN, 2012). Ao lidar com acontecimentos históricos, a escritora entrança no enredo motivos e

¹ Doutora Izabela Drozdowska-Broering, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras. Atua também na Pós-Graduação em Literatura da mesma universidade; E-mail: izabela.broering@ufsc.br.

fios mágicos e míticos dando ao texto local e regional um aspecto universal e aproximando-a ao Gabriel García Márquez nos seus *Cem anos de solidão*.

Também a próxima obra ficcional da autora, uma das mais traduzidas, intitulada *Dom dzienny, dom nocny* de 1999 [Casa diurna, casa noturna] engloba essas características e tem como um dos fios condutores a complicada e cheia de cicatrizes relação entre Polônia e Alemanha numa região fronteira elevada até o símbolo da Europa Central com as suas palimpsésticas camadas da memória. A memória e o esquecimento simbolizados aqui pela misteriosa personagem feminina², uma das moradoras mais antigas da vila, parece agir independente das pessoas que lembram tempos que não viveram e sonham sonhos que parecem emprestados. Os moradores atuais da vieram, na sua maioria, expulsos dos territórios no antigo este polonês para instalar-se nas casas construídas pelos alemães, forçados a deixar terras natais após Segunda Guerra Mundial.

– Cá estamos – disse o homem com o cigarro. – Entrem, agora isso é de vocês. [...] Foi quando eles perceberam duas mulheres: uma mais velha com cabelos brancos e uma mais nova com uma criança no colo. Uma outra criança ficou agarrada na mulher mais velha.

– Vocês ficam aqui, elas lá – falou ainda a autoridade. – Virão buscá-las depois. (TOKARCZUK, 1999, p. 252)³

A dupla ruptura histórica traz um mosaico de memórias que (re)vivem nos objetos acidentalmente achados no quintal (como talheres de prata escondidos no final da guerra) ou utilizados no dia a dia.⁴ As alheias memórias das próprias casas causam estranhamento, perturbam a relação entre pessoas e lugares, entre moradores e edifícios pensados para oferecer abrigo em vez de proporcionar insegurança. Os novos depositários da herança indesejada não cuidam devidamente dos seus domicílios, tendo um sentimento de efemeridade e de transição na terra de ninguém.⁵

Apesar de dados topográficos e nomes históricos a escolha do lugar geográfico parece ter aqui papel mais simbólico do que voltado apenas para a história da Polônia,

² Ver: Przemysław Czapliński (2001): *Mikrologi ze śmiercią. Motywy tanatyczne we współczesnej literaturze polskiej*. Poznań: Poznańskie Studia Polonistyczne.

³ Aqui e em outros lugares caso não avisado tradutor: Tradução nossa.

⁴ Ver também: Edyta Poręba (2001): „Bezdomność a zakorzenienie w prozie Olgi Tokarczuk”, em: Stanisław Jaworski (ed.): *Światy nowej prozy*. Kraków: Universitas.

⁵ Mais sobre a região fronteira como transitório em obra da Tokarczuk em: Olga Fliszewska (2003): “W kręgu mitu”, em: *Acta Universitatis Lodzensis. Folia Litteraria Polonica*, 6/2003; Przemysław Czapliński (2003): *Świat podrobiony. Krytyka i literatura wobec nowej rzeczywistości*. Kraków: Universitas.

Alemanha ou seja: dos alemães e dos poloneses. Mais importante parece ser a própria memória, o não esquecimento e não-indiferença diante do Outro.

No romance um parcialmente subterrâneo rio aparece como figura do tempo e da transformação. Da constante mudança e desaparecimento e, simultaneamente, de incansável presença. A tentativa de memorizar, lembrar e re-lembrar, de tecer a memória além do nacional e contra o fácil esquecimento parece ser uma tarefa e exigência, como a autora aponta numa entrevista de 2007:

Parece mesmo que o esquecimento, já por sua natureza, é errado. É uma perda de algo e cada perda é negativa e nós empobrece. Penso que o jeito é não esquecer e sim assimilar, refletir, incorporar, nomear, verbalizar, deixar circular, discutir. Tudo menos o esquecimento. [...] Uma identidade mais ampla do que somente a nacional é essencial, pois [ela] nós permite o acesso ao Novo. Preciso saber lidar com o Outro. Preciso entender, incorporar, compreender isso. É assim que eu cresço [...]. (DROZDOWSKA-BROERING, 2013, p. 295).

As categorias com quais Olga Tokarczuk enxerga o Outro dialogam com a visão do Emmanuel Lévinas, um hermeneuta primeiramente ético. Diferentemente do Habermas, Lévinas alega de que não há necessidade de “concordância primária” (*primäre Übereinstimmung*) e “consentimento” (*Einverständnis*).⁶ A alteridade do Outro não aparece como um obstáculo, mas sim um pré-requisito para um diálogo.⁷ Como resultado deste possível diálogo surge, como sugere também Martin Buber, um “melhor” e “mais”, uma qualidade então que não se dá a partir da simples síntese dos ambos os lados do diálogo. O postulado de Lévinas é uma “não-indiferença” no encontro com o Outro. (BÖCKLE, 1981, p. 77-78)

A presença do Outro no ato narrativo, segundo Paul Ricœur, torna possível que a consciência do autor se torna, ao mesmo tempo, a instância interpretadora e interpretada. (Ricœur 2010). O teólogo alemão Knut Wenzel faz, entre outros, referência ao filósofo francês, e aponta de que no ato narrativo surge uma “identidade narrativa”. O começo de

⁶ Compare: Nikole Ruchlak (2004): *Das Gespräch mit dem Anderen. Perspektiven einer ethischen Hermeneutik*. Würzburg: Königshausen & Neumann, p. 162-163; Hans-Georg Gadamer (1993): *Gesammelte Werke*. Vol. II: *Hermeneutik. Wahrheit und Methode. Ergänzungen*. Tübingen: Mohr Siebeck, p. 251-275.

⁷ “Gerade weil das Du absolut anders ist als das Ich, gibt es, von einem zum anderen, Dialog“, Emmanuel Lévinas: „Dialog“, em: Franz Böckle et al. (ed.) (1981): *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*. Vol. I, S. 76.

uma narração possibilita aqui um recomeço, um (re-) nascimento, uma (re-)invenção do mesmo (*Selbst*).⁸

Neste contexto uma das metas da prosa de Tokarczuk é o empoderamento da voz feminina⁹ na literatura e a desconstrução das relações do poder através da afirmação do diferente, não-binário, amorfo, não definido. Ainda em *Dom dzienny, dom nocny* a autora traz a semimítica figura de Vilgeforte¹⁰ (lat. virge forte; conhecida também como Vilgefertis, Kummernis ou Santa Liberata) – a lendária barbada santa católica. A bela e devota Vilgeforte foi prometida ao rei da Sicília apesar de seus votos de castidade. Não podendo dispor livremente do seu próprio corpo, Vilgeforte reza ao deus para ele salvá-la. Na noite antes do planejado casamento deus lhe concede uma graça ao transformar o rosto dela em semblante de Cristo, deixando, porém, o resto do seu corpo feminino. O furioso pai deixa crucificá-la. É assim como a excepcional santa é apresentada nas lendas, na arte popular e sacral: como uma mulher crucificada com cabelos compridos e barba. O androginismo da Vilgeforte torna-se mais um símbolo de autodeterminação e, ao ultrapassar o limite entre masculino e feminino, retrata a situação da margem, do indescrito.

Também a Anna In, personagem feminina do romance *Anna In w grobowcach święta* [Anna In nas catacumbas] de 2006, uma reflexão literária sobre a deusa de lua – Inana, mostra a luta pela emancipação (também da morte) da única importante deusa mesopotâmia, padroeira da guerra e do amor. Nesta obra de Tokarczuk podemos perceber a erudição e cuidado por detalhe que, junto com poder de invenção perpassam as páginas escritas pela autora. Profundos estudos de história, geografia, medicina, entre outros, precederam da mesma forma o romance *Bieguni* de 2007 (*Os Vagantes*), premiado em

⁸ Compare: Aldo Gargani (1992): O texto do tempo. Trad. Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70.

⁹ Urszula Chowaniec/ Ursula Phillips (ed.) (2012): *Womens Voices and Feminism in Polish Cultural Memory*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing; especialmente capítulo de Elżbieta Wiącek: „The Works of Olga Tokarczuk. Postmodern Aesthetics, Myths, Archetypes, and the Feminine Touch”.

¹⁰ Consulte, entre outros: Friesen, Ilse E. *The Female Crucifix: Images of St. Wilgefertis Since the Middle Ages*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press 2001.; Mattoso, José. Santos portugueses de origem desconhecida (PDF). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4434/1/Santos_portugueses_origem_desconhecida_Piedade_popular_Portugal_1998.pdf [Acesso em: 18.10.2019]; Lechner, Josef. Das Kloster St. Walburg und die Frühgeschichte der St. Kummernisverehrung in Süddeutschland. In: *Zum 900jährigen Jubiläum der Abtei St. Walburg in Eichstätt. Historische Beiträge von Karl Ried u. A.* Paderborn: Schöningh, 1935, p. 40–60.; Boll, Katharina. Die Legende von der Frau am Kreuz. Theologische Überlegungen zur oberdeutschen Texttradition. In: *kunst und saelde. Festschrift für Trude Ehlert*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2011, , p. 161–177; Majewski, Leszek (ed.). *Legendy i opowieści Ziemi Kłodzkiej*. Kłodzko: Biuro Usług Turystycznych, 1998; Sikorski, Marek. *Na granicy legendy i wiary. Skarby sztuki i osobliwości Ziemi Kłodzkiej*. Nowa Ruda: Ziemia Kłodzka, 1993.

2018 com The Man Booker International Prize e a monumental *Księgi Jakubowe* (Os livros de Jacob) de 2014.

Enquanto o fio condutor de *Bieguni* e a própria viagem, mobilidade, a condição do ser humano entre enraizamento e falta de abrigo, nos nove livros de *Księgi Jakubowe* Tokarczuk retrata a figura do setecentista comerciante judeu Jacob Frank, criador do Franquismo e autodeclarado messias, ativista político e social que se converteu para o islão e, depois, para catolicismo, conseguindo atingir inúmeros seguidores na Polônia, onde, “liberdade religiosa e ódio religioso se encontram na mesma medida” (TOKARCZUK, 2014, p. 527).

A odisseia de Frank, cujo caminho no romance de Tokarczuk cruza-se com numerosas personagens históricas e imaginárias, levanta questões sobre magnetismo das figuras polêmicas, mas, também, sobre tolerância, convivência, sobre limites do privado e do público, sobre lugar do deus e do divino. Ao mesmo tempo romance afirma a pluralidade da Europa Central e revoga as hierarquias entre as grandes religiões e suas vertentes. Como afirma uma das personagens inspirada no poeta Antoni Kossakowski, não existe uma religião certa que apagaria a veracidade ou necessidade de outras: “Eu, onde pus no mundo o meu pé – diz Moliwda – vi, que tem um Deus só, mas que existem inúmeros jeitos de crer nele, um número infinito... Pode se chegar a Deus em vários tipos de calçado.” (TOKARCZUK, 2014, p. 244)

A postura aberta de Tokarczuk em conjunto com várias ações em prol do meio-ambiente¹¹, dos direitos humanos e, especialmente, direitos das mulheres lhe trouxe no seu país natal vários opositores concentrados mais nos seus valores do que na crítica da sua obra literária. Mesmo assim a autora, especialmente após o sucesso comercial nos primeiros anos do novo milênio, continua sendo uma das mais lidas pelo público polonês e, ao mesmo tempo, mais analisadas autoras contemporâneas. As chaves mais usadas na leitura acadêmica de Tokarczuk são a psicanálise, estudos mitográficos, estudos feministas e estudos do gênero.

As primeiras obras da escritora são vistas, porém, dentro da corrente da literatura polonesa denominada como “literatura das pequenas pátrias” (pol. *mała ojczyzna*). O

¹¹ Dois anos após publicar *Os Vagantes* autora escreveu o romance *Prowadź swój pług przez kości umarłych* [traduzido para o português como *Sobre ossos dos mortos*], onde uma onda de homicídios é atribuída aos animais que supostamente estão se vingando, em nome da natureza, por perseguição e destruição do meio-ambiente. O filme *Pokot* da diretora polonesa Agnieszka Holland baseado no romance, estreou em 2017.

redescobrimto das regiões fronteiriças¹² entre Polônia e Alemanha no atual nordeste e oeste polonês pela literatura foi promovido e primeiramente possibilitado pelas mudanças políticas dos anos 1989/1990. Nos anos noventa do século XX vários escritores poloneses submeteram as regiões de antiga Prússia (hoje Masúria), Pomerânia e Silésia a nova leitura¹³ em busca pelas raízes destas paisagens culturais.¹⁴ O fenômeno de “literatura de pequenas pátrias” possui na Polônia uma tradição centenária localizando o seu legado intelectual nos textos dos autores tão importantes como Czesław Miłosz (Nobel da literatura 1980), Stanisław Vincenz, Jerzy Stempowski, Józef Mackiewicz, Jerzy Konwicky ou Julian Strykowski, entre outros. Na obra dos mencionados autores o antigo leste polonês, após a Segunda Guerra Mundial nos territórios nacionais da Ucrânia, Bielorrússia e Lituânia, destaca-se imensa saudade das terras natalinas denominadas de *kresy* (confins).

Diferente da geração dos pais e avós, que, por sua vez, estavam buscando inspiração na tradição romântica, escritores dos anos noventa não descrevem a perda da sua pátria afetiva, da deprivação causada por tempos de ocupação e guerra, mas sim procuram as marcas do Outro, no caso: dos alemães, judeus, rutênios, menonitas, que por séculos habitavam estas regiões. Autores consagrados ou posteriormente premiados como Paweł Huelle, Olga Tokarczuk, Artur Daniel Liskowacki assim como alguns seus colegas da geração anterior (Stefan Chwin, Adam Zagajewski, Andrzej Zawada) dedicaram grandes partes das suas obras ao assunto das regiões fronteiriças ocidentais (poln. *pogranicze*).¹⁵ Chamados de entre-lugares¹⁶, terras recógnitas¹⁷ ou confins ocidentais¹⁸, as regiões

¹² Comparar com, entre outros: Herberts, Klaus. *Grenzüberschreitungen im Vergleich: der Osten und der Westen des mittleren Lateineuropa*. (Europa im Mittelalter, Abhandlungen und Beiträge zur historischen Komparatistik 9) Berlin 2007; Loew, Peter Oliver et al. *Wiedergewonnene Geschichte: Zur Aneignung von Vergangenheit in den Zwischenräumen Europas*. Wiesbaden: Harassowitz, 2006; Stöber, Georg. *Grenzen und Grenzräume in der deutschen und polnischen Geschichte: Scheidelinie oder Begegnungsraum?* Hannover: Verlag Hahnsche Buchhandlung, 2000.

¹³ Para a figura do espaço geohistórico como texto ver: Schlögel, Karl. *Im Raume lesen wir die Zeit. Über Zivilisationsgeschichte und Geopolitik*. München: Carl Hanser Verlag, 2003.

¹⁴ Compare, entre outros: Haber, Wolfgang. *Landschaft als Kulturaufgabe*. In: Bayerische Akademie der Schönen Künste, vol. 15/2001; Traba, Robert. *Wschodniopruskość. Tożsamość regionalna i narodowa w kulturze politycznej Niemiec*. Poznań: Poznańskie Towarzystwo Przyjaciół Nauk, 2005.

¹⁵ Neste caso observa-se uma certa (a)simetria causada por processos históricos: Após a Segunda Guerra Mundial o território polonês sofreu alterações comparado com as suas divisas entre a primeira e a segunda guerra, sendo que ambas as divisas: oriental e ocidental foram movidos para o oeste.

¹⁶ No contexto das terras pós-alemães o conceito de “entrelugar” é utilizado, por exemplo, por escritor e jornalista alemão Uwe Rada; Uwe Rada (2004): *Zwischenland. Europäische Geschichten aus dem deutsch-polnischen Grenzgebiet*. Berlin: be.bra-Verlag.

¹⁷ Este termo foi introduzido por Henryk Waniek e posteriormente usado por críticos e pesquisadores; Henryk Waniek (1995): “Terra recognita”. In: Waniek, Henryk. *Hermes w Górach Śląskich*. Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie; Elżbieta Dzikowska (1997): “Terra recognita. Polnische Schriftsteller über Deutsche Vergangenheit ihrer schlesischen Heimatorte”, In: Norbert Honsza/ Theo Mechtenberg (ed.) (1997): *Die Rezeption der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur nach der Wende 1989*, Wrocław: FRI.

antigamente, predominante, alemães ganharam assim uma nova dimensão histórica, onde a koselleckiana “simultaneidade do não simultâneo” – no caso experiência de deprivação das terras natais – serviu como uma ponte para redescoberta. No caso da Olga Tokarczuk este resgate da se a partir dos nomes e objetos salvos do esquecimento pela e na narrativa. O espaço narrativo e o espaço geográfico reconstituído viram uma casa, onde o passado senta na mesma mesa com o presente.

Após anos de negligência e negacionismo histórico polonês, introduzido em sintonia com as diretrizes partidárias entre 1945 e 1989, existe uma forte busca pela continuidade ameaçada agora novamente pela conjuntura política polonesa com a sua introspectiva política histórica. Como aponta própria Tokarczuk lembrando de sua infância:

Eu tinha um livro com lendas da região de Leubus que na verdade eram uma deformação [da história], pois tratavam dos cavaleiros poloneses e os alemães eram criados maus – uma mentira para uso infantil. Eu penso, porém, que existe, objetivamente, uma continuidade. Atualmente se faz muito para destacar esta continuidade, mostrá-la. (DROZDOWSKA-BROERING, 2013, p. 163)

A análise e questionamento do “eu” assim como a pergunta sobre o Outro perpassam a obra da Olga Tokarczuk. Em contatos com certos grupos minoritários ou estrangeiros mostram-se os estereótipos como *modus operandi* de algumas figuras construídas nos romances da autora polonesa. Por muitas vezes estes referem-se aos próprios poloneses formando um leque de autoestereótipos. Especialmente confrontados com os alemães, poloneses sentem uma ansiedade e inferioridade cultural e econômica. Mesmo assim, Tokarczuk destaca o interesse polonês pelo Outro. Um Outro que, em tempos atuais, no fundo parece ser incrivelmente parecido.¹⁹

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida: *Espaços de recordação*. Tradução de Paulo Soethe (org.). Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus Editora, 1994.

¹⁸ Pol. *Kresy zachodnie*; Expressão empregada por Sergiusz Sterna-Wachowiak e Grażyna Borkowska, ver em: Hubert Orłowski (1999): “Et in Arcadia ego? Heimatverlust in der deutschen und polnischen Literatur”, em: Jan P. Barbian/ Marek Zybura (ed.): *Erlebte Nachbarschaft. Aspekte der deutsch-polnischen Beziehungen im 20. Jahrhundert*. Wiesbaden: Harrassowitz.

¹⁹ Em uma entrevista a autora afirma: “A gente interessa-se pelos outros, porque sabemos, como parecemos com eles.” Tokarczuk, Olga. Entrevista. In: *Nowe Książki*, vol. 8/2004, p. 5

- BOLL, Katharina. Die Legende von der Frau am Kreuz. Theologische Überlegungen zur oberdeutschen Texttradition. In: *kunst und saelde. Festschrift für Trude Ehlert*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2011.
- CHOWANIEC, Urszula et. al. *Womens Voices and Feminism in Polish Cultural Memory*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012.
- CZAPLIŃSKI, Przemysław. *Mikrologi ze śmiercią. Motywy tanatyczne we współczesnej literaturze polskiej*. Poznań: Poznańskie Studia Polonistyczne, 2001.
- DROZDOWSKA-BROERING, Izabela. *Topographien der Begegnung. Untersuchungen zur jüngeren deutschen und polnischen Prosa der Grenzräume nach 1989*. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag, 2013.
- DROZDOWSKA, Izabela. Dolny Śląsk w powieściach Olgi Tokarczuk. Próba dialogu? In: Hans Henning Hahn et al. *Erinnerungsorte, Mythen und Stereotypen in Europa*. Wrocław: ATUT, 2008.
- DZIKOWSKA, Elżbieta. "Terra recognita". Polnische Schriftsteller über Deutsche Vergangenheit ihrer schlesischen Heimorte. In: Norbert Honsza/ Theo Mechtenberg. *Die Rezeption der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur nach der Wende 1989*, Wrocław: FRI, 1997.
- FRIESEN, Ilse E. *The Female Crucifix: Images of St. Wilgefortis Since the Middle Ages*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. *Gesammelte Werke. Vol. II: Hermeneutik. Wahrheit und Methode. Ergänzungen*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.
- GARGANI, Aldo. *O texto do tempo*. Tradução de Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70, 1992.
- HABER, Wolfgang. Landschaft als Kulturaufgabe. In: Bayerische Akademie der Schönen Künste, vol. 15/2001.
- HERBERTS, Klaus. *Grenzräume und Grenzüberschreitungen im Vergleich: der Osten und der Westen des mittleren Lateineuropa*. (Europa im Mittelalter, Abhandlungen und Beiträge zur historischen Komparatistik vol. 9) Berlin 2007.
- LECHNER, Josef. Das Kloster St. Walburg und die Frühgeschichte der St. Kümmernisverehrung in Süddeutschland. In: *Zum 900jährigen Jubiläum der Abtei St. Walburg in Eichstätt. Historische Beiträge von Karl Ried u. A.* Paderborn: Schöningh, 1935.
- LÉVINAS, Emmanuel: Dialog. In: Franz Böckle et al. *Christlicher Glaube in moderner Gesellschaft*. Vol. I Breiburg im Breisgau: Herder, 1981.
- LOEW, Peter Oliver et al. *Wiedergewonnene Geschichte: Zur Aneignung von Vergangenheit in den Zwischenräumen Europas*. Wiesbaden: Harassowitz, 2006.
- MAJEWSKI, Leszek. *Legendy i opowieści Ziemi Kłodzkiej*. Kłodzko: Biuro Usług Turystycznych, 1998.
- MATTOSO, José. *Santos portugueses de origem desconhecida* (PDF). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Universidade Nova de Lisboa.
https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4434/1/Santos_portugueses_origem_desconhecida_Piedade_popular_Portugal_1998.pdf [Acesso em: 18.10.2019].

ORŁOWSKI, Hubert. *Et in Arcadia ego? Heimatverlust in der deutschen und polnischen Literatur*”, em: Jan P. Barbian/ Marek Zybura (ed.): *Erlebte Nachbarschaft. Aspekte der deutsch-polnischen Beziehungen im 20. Jahrhundert*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1999.

POREBA, Edyta. *Bezdomność a zakorzenienie w prozie Olgi Tokarczuk*. In: Jaworski, Stanisław. *Światy nowej prozy*. Kraków: Universitas, 2001.

RADA, Uwe. *Zwischenland. Europäische Geschichten aus dem deutsch-polnischen Grenzgebiet*. Berlin: be.bra-Verlag, 2004.

RICCEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Vol. III: *O tempo narrado*. Tradução de Claudia Berliner e Marcia Valeria Martinez de Aguiar São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RUHLAK, Nikole. *Das Gespräch mit dem Anderen. Perspektiven einer ethischen Hermeneutik*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2004.

SCHLÖGEL, Karl. *Im Raume lesen wir die Zeit. Über Zivilisationsgeschichte und Geopolitik*. München: Carl Hanser Verlag, 2003.

SIKORSKI, Marek. *Na granicy legendy i wiary. Skarby sztuki i osobliwości Ziemi Kłodzkiej*. Nowa Ruda: Ziemia Kłodzka, 1993.

STÖBER, Georg. *Grenzen und Grenzräume in der deutschen und polnischen Geschichte: Scheidelinie oder Begegnungsraum?* Hannover: Verlag Hahnsche Buchhandlung, 2000.

TOKARCZUK, Olga. *Bieguni*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2007.

_____. *Dom dzienny, dom nocny*. Wałbrzych: Ruta, 1999.

_____. *E.E.* Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy, 1995.

_____. *Entrevista*. In: *Nowe Książki*, vol. 8/2004.

_____. *Księgi Jakubowe*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2014.

_____. *Prawiek i inne czasy*. Warszawa: WAB, 1998.

_____. *Prowadź swój pług przez kości umarłych*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2009.

TRABA, Robert. *Wschodniopruskość. Tożsamość regionalna i narodowa w kulturze politycznej Niemiec*. Poznań: Poznańskie Towarzystwo Przyjaciół Nauk, 2005.

WANIEK, Henryk. *Terra recognita*. In: Waniek, Henryk. *Hermes w Górach Śląskich*. Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie, 1995.